

JOÃO PAULO SILVESTRE

Bluteau e as Origens da Lexicografia Moderna

Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Lisboa

2008

INTRODUÇÃO

A lexicografia moderna do português, que tem o seu início em 1789 com o *Diccionario* de António Morais Silva, é precedida por um conjunto de obras que constituem a transição entre a dicionarística latino-portuguesa e o primeiro dicionário monolíngue. O *Vocabulario Portuguez, e Latino* de Rafael Bluteau (1638-1734), publicado entre 1712 e 1728, é o ponto de referência fundamental para compreender um processo de renovação da descrição da língua, da tipologia dos dicionários e das funções que os leitores atribuíam a estes instrumentos metalinguísticos.

Na segunda metade do século XVII, e à semelhança do que acontece em outros países europeus, a questão da valorização do património linguístico e literário português passa pela edição de dicionários. Tendo apenas à disposição obras cujo principal objectivo era a descrição do latim, há a expectativa de um dicionário que amplie a nomenclatura do português, demonstrando que a língua possui léxico para todos os registos.

A definição das características desejáveis para esse novo dicionário revelava-se complexa, considerando que a inexistente oferta editorial deixava inúmeras necessidades por suprir, pois tanto o público escolar, como aqueles que buscavam um instrumento de cultivo da língua, reclamavam simultaneamente obras que eram distintas na sua configuração tipológica. Um único dicionário não seria portanto solução bastante quando não se perspectivava uma imediata renovação e diversificação do tipo de obras dicionarísticas, similar à do mercado francês.

Uma opção seria a reformulação e ampliação das obras existentes, mas estas eram essencialmente instrumentos escolares, configuradas a partir de modelos da dicionarística latina bilingue, adequadas à tradição pedagógica portu-

guesa, e que não poderiam crescer muito em tamanho, sem comprometer a funcionalidade. Outra possibilidade, de que resultaria uma valorização importante do léxico vernáculo, era o aproveitamento do *corpus* literário, seleccionando a nomenclatura e os exemplos de acordo com critérios que garantiriam uma coerência à descrição da língua. Todavia, tal tarefa pressuporia um trabalho colaborativo, credibilizado por um suporte institucional, semelhante ao que dera à estampa o *Vocabolario della Crusca* (1612) ou o longamente anunciado dicionário da Académie Française (1694). A agitada vida política e militar neste período da história de Portugal não favoreceu esta solução.

Com o aproximar do final do século, acentua-se a consciência do desfazimento entre a dicionarística portuguesa e a lexicografia bilingue produzida em França e Itália, com obras que incluíam uma ampla descrição do vernáculo, expressões e frases autorizadas. Além disso, alguns dicionários estrangeiros foram enriquecidos com maior quantidade de informação extralinguística, o que correspondia a um género de obra que a língua portuguesa não conhecia até então. Conjugam-se os factores para que o novo dicionário esteja aberto à incorporação de modelos tipológicos estrangeiros, tanto mais que, explorando a informação de tipo enciclopédico, garantia-se a composição expedita do dicionário, ou, pelo menos, dispensava-se uma ampla equipa redactorial. A informação propriamente linguística dos dicionários estrangeiros nem sempre era adaptável, mas o perigo de sacrificar a coesão na descrição do português não seria encarado como um óbice. À época, não há notícia do interesse por um dicionário monolíngue, não só pelo peso que a cultura e a língua clássicas tinham na educação da nobreza portuguesa e no ensino em geral, mas também pelo desejo de apresentar, à Europa culta, o português como justo herdeiro do latim.

O desejado dicionário será iniciado e concluído pelo padre teatino Rafael Bluteau, que chega a Portugal em 1668, com 30 anos, e que compila uma imensa obra tendo por base o material que acumulou para aprender a língua, adaptando-o aos modelos lexicográficos da sua preferência. Bluteau será, para a história da língua e também para cultura portuguesa, um activo intermediário da cultura francesa e do património dicionarístico europeu. Beneficiando de um percurso excepcional de formação, adquiriu a experiência do contacto multilingue, falando e escrevendo em inglês, francês, italiano e, por fim, em português. Os seus textos permitem concluir que comparava e entendia as línguas na perspectiva da intercomunicação de significados, e não de acordo com descrições gramaticais. Os dicionários foram para Bluteau um meio essencial para a aprendizagem das línguas e um instrumento de acesso à erudi-

ção e ao conhecimento actualizado. A forma como acaba por descrever o português deve mais a uma assídua e interessada leitura de dicionários do que a uma teorização lexicográfica com alguma consistência e originalidade. Na sua concepção da selecção da nomenclatura, as palavras dão acesso a sentidos, sob a forma de notícias sobre aquilo que a palavra representa. No que respeita à técnica lexicográfica, não insiste numa descrição de tipo gramatical, que discrimine categorias de palavras, variações morfológicas ou fenómenos derivacionais.

As primeiras reflexões metalexigráficas de Bluteau são pouco sustentadas, mas vão sendo amadurecidas à medida que contacta com modelos tipológicos diferentes daqueles que tinha quando iniciou a redacção do *Vocabulario*. A primeira fase da escrita, que decorreu até aos últimos anos do século XVII, é influenciada sobretudo pelos dicionários bilingues e tem como principais objectivos a expansão do fundo lexical anteriormente recolhido e a autorização da nomenclatura. Denota um investimento na qualidade da informação latina, tendo em vista servir de instrumento de apoio à redacção na língua clássica, tanto mais que a insistente comparação com o latim é um meio para a nobilitação da língua portuguesa. A segunda fase corresponde a um processo de reescrita, influenciada por dicionários de informação histórica e de tipo enciclopédico. Verifica-se um alargamento de domínios lexicais, acompanhando o aprofundamento de um projecto de tipo enciclopédico (mitologia, toponímia, informação histórica) e pretende servir como instrumento de apoio à composição em vernáculo, sugerindo possibilidades de amplificações retóricas.

O *Vocabulario* distingue-se das grandes obras institucionais da lexicografia europeia pelo facto de o seu autor não ter trabalhado com directivas estritas. Ao contrário do contexto de produção que justificou o *Vocabolario della Crusca* ou o dicionário da Académie, não havia em Portugal um desejo expresso de planificação linguística, coordenada pelos monarcas, ou sequer por uma entidade com poderes delegados, sobretudo porque a diversidade de registos dialectais não era um factor de desagregação política. A prioridade é antes a ampliação da língua, possibilitando a inovação lexical, fundada em critérios de racionalidade e regularidade.

Os primeiros anos de Bluteau em Portugal e o início da redacção do *Vocabulario* coincidem com as primeiras manifestações sensíveis de uma vivência de corte barroca, e o teatino é justamente uma das personagens-agente dessa modificação. As cerimónias públicas, os festejos, as precedências, o comportamento pessoal, são actos em que é imprescindível o domínio da palavra e dos símbolos que preenchem o quotidiano. O *Vocabulario* pretendia ser um

instrumento orientador das práticas discursivas do homem da corte, e essa valia será potenciada a partir do momento em que, pela dedicatória e pelo patrocínio, se torna, ao olhos da Europa, um reflexo da grandeza e da cultura humanística de D. João V. Tal como outros monumentos que mandou erigir, converte-se em objecto simbólico.

Trata-se de uma obra que se impôs como modelo normativo e é uma referência para o estudo da língua, pois o testemunho do lexicógrafo representa uma competência linguística sincrónica. Apesar de não ser monolíngue e de nem toda a informação ser pertinente para o estudo do português, entre os dicionários antigos é o que reúne a maior quantidade de texto em vernáculo. Desconhecer o *Vocabulario* significa ignorar a fonte de um extensíssimo conjunto de definições originais para o português, que têm verdadeiramente um carácter instituidor, e que serão reformuladas pelos lexicógrafos seguintes. Trata-se também de um modelo para a definição de um cânone de autoridades literárias, bem como para o estabelecimento de linhas orientadoras da norma ortográfica. Além das características que o tornam uma obra única na história da lexicografia portuguesa, o *Vocabulario* proporcionou um fundo lexical e documental que serviu de base para os dicionaristas do século XVIII e para muitos autores que reaproveitaram a informação enciclopédica e metalinguística compendiada pelo padre teatino. A pesquisa em torno do contexto de produção e da recepção do *Vocabulario* revela um amplo património de textos metalinguísticos e lexicográficos portugueses.

A história da lexicografia e os estudos culturais sublinham, muito justamente, a singularidade do trabalho de Bluteau: uma obra de superação que, durante meio século, se manteve como o principal instrumento de referência da língua portuguesa, e que veio suprir, de uma forma inesperadamente abundante, as debilidades de um panorama dicionarístico modesto, insuficiente em relação à vida da língua e atrasado face à lexicografia europeia. É certo que na sombra deste monumento — também materialmente imponente — ficaram outros trabalhos, alguns incompletos, que documentam uma tipologia de obra lexicográfica em todo o caso pouco representada entre nós. Correspondem à transição entre os dicionários latim-vernáculo, orientados quase exclusivamente pela descrição do latim (como a *Prosodia* de Bento Pereira), e os dicionários de base monolíngue, com extensa informação de tipo enciclopédico e uma redacção textualizada (como o *Vocabulario*). Numa fase intermédia encontra-se uma dicionarística bilingue — em que os exemplos modelares se encontram em França — com informação linguística abundante e relevante para o vernáculo, uma estrutura simples e que, na prática, cumpriam parte das funções de um dicionário monolíngue.

O estudo do *Vocabulario* pretende ser o ponto de partida para uma perspectiva integradora sobre este período, e para uma releitura crítica de um importante conjunto de textos metalinguísticos, dando continuidade a um recente esforço no sentido da progressiva identificação das obras fundamentais do património lexicográfico português e das respectivas fontes. Com *as origens da gramaticografia e da lexicografia latino-portuguesas* (1995), Telmo Verdelho apresentou o primeiro trabalho de vulto e amplamente documentado, que incidiu sobre o período anterior a Jerónimo Cardoso (século XVI), e abriu caminho para pesquisas sobre obras e períodos seguintes, como a *Prosodia* (século XVII) e o dicionário de Bluteau. A investigação sobre os dicionários antigos segue um percurso já traçado em outras línguas, com a noção de que se trata de um fundo prioritário para o estudo e preservação do português, bem como para a produção fundamentada de instrumentos de ensino.

O dicionário antigo, além de constituir um exercício de reflexão metalinguística, possui toda uma envolvimento histórica, pois recebe e origina uma tradição, introduz rupturas e inovações e recolhe os enunciados num determinado contexto social e temporal. A consideração deste facto tem motivado novas perspectivas de análise, que concebem o dicionário como um discurso de instituição de uma língua normalizada, em que a selecção das unidades lexicais é um acto linguístico, que é simultaneamente legitimador de um determinado uso. O património textual que os dicionários antigos oferecem pode motivar diferentes tipos de abordagens: leituras temáticas, que exploram o tratamento de um determinado campo lexical ou semântico; leituras subordinadas à história da língua, que procuram perceber as evoluções semânticas, ortográficas e fonológicas; ou ainda leituras que avaliam a importância do *corpus* de citações literárias, enquanto testemunho de um uso prestigiado.

Para uma caracterização mais abrangente do *corpus* dicionarístico legado por Bluteau, este estudo do *Vocabulario* aborda a génese da obra, o contexto de produção, as características tipológicas, fontes, técnica lexicográfica e recepção, acompanhando o processo de leitura de uma tradição lexicográfica nacional e estrangeira, e da criação de uma nova tradição que documentará a lexicografia monolingue do português.

Na primeira parte, dedicada à figura do lexicógrafo, apontam-se os aspectos do percurso biográfico de Bluteau que permitem delinear o contexto de produção da obra e a expectativa de recepção. As relações sociais e o envolvimento em reuniões de carácter cultural contribuíram para a definição do público-alvo do dicionário e para a progressiva procura de um estatuto de autoridade em matéria linguística. Nas suas intervenções públicas expôs um

conjunto de reflexões metalinguísticas, que apesar de não serem expressamente subordinadas a questões lexicológicas, abordam temáticas pertinentes para a dicionarística, como a valorização do vernáculo, as relações entre as línguas vivas ou a codificação ortográfica.

O segundo capítulo aborda a tipologia do dicionário, enquadrado na renovação da lexicografia europeia. Considera-se a caracterização da obra expressa pelo autor, os traços tipológicos do modelo de dicionário universal e dicionário bilingue, e o modo como estas vertentes se conjugam, à luz de uma concepção que admite a fusão de modelos diversificados, demonstrando a vontade de suprir de uma só vez um conjunto de necessidades de instrumentos metalinguísticos. Nesse sentido, ensaia-se um roteiro dos principais títulos da lexicografia do século XVII — o cânone dicionarístico — a partir dos quais se configurou o *Vocabulario*. Destacam-se as obras que, sob o pretexto de descrever a língua, pretendem sobretudo uma descrição do mundo, na forma de um discurso pré-enciclopédico.

No terceiro capítulo pretende-se caracterizar o *corpus* dicionarístico reunido por Bluteau, apreciando o trabalho de selecção e organização da nomenclatura, o património lexicográfico português e o fundo informativo à disposição; a marcação sistemática da nomenclatura que descreve e legitima as variações do uso; as estratégias de redacção das definições e dos artigos. Para a composição de um dicionário com a dimensão do *Vocabulario*, o autor reaproveitou muito material destinado à descrição de outras línguas. O escrutínio minucioso das fontes depressa conduziria a uma exaustividade pouco proveitosa, pois a intertextualidade no texto dicionarístico é geralmente complexa. Nestas circunstâncias justifica-se o estudo do fundo documental à disposição do lexicógrafo, investindo na descrição bibliográfica das fontes e numa apresentação comparativa. Reconstituir um núcleo de obras essenciais para a composição da maioria dos artigos auxilia a esclarecer a técnica de documentação e redacção; perceber a localização e os limites da descrição do português pressupõe o conhecimento dos mecanismos de recepção da tradição lexicográfica.

O capítulo seguinte aborda um conjunto de funções pretendidas para a obra, que embora decorram necessariamente do facto de se tratar de um dicionário de língua, no *Vocabulario* são explicitamente mencionadas e constituem uma espécie de orientação programática. Merecem especial destaque a tentativa de normalização da escrita, configurando um sistema ortográfico de pendor etimologizante; o contributo para uma política linguística, realçando os critérios que tradicionalmente aferiam o prestígio de uma língua no panorama dos idiomas europeus, nomeadamente a comparação com o latim; a constitui-

ção de um cânone de autores exemplares que confirme a sua valia e maioridade literária; a integração de saberes sob a forma de um discurso pré-enciclopédico que alarga o horizonte de recepção do dicionário; o auxílio à produção textual, facilitando o uso literário da língua.

Por fim, recolhem-se os testemunhos da recepção do *Vocabulario* como fonte lexical e informativa privilegiada, no processo de transição para a dicionarística monolíngue. O período entre Bluteau e Morais Silva é geralmente menosprezado porque os lexicógrafos não avançaram de um modo inovador na direcção de uma obra monolíngue, mas deve assinalar-se o esforço de um conjunto de autores que ensaiaram reaproveitamentos parcelares, bem como uma série de textos de reflexão metalinguística, em que a autoridade tutelar de Bluteau se revela preponderante. Deve destacar-se o injustamente esquecido dicionário bilingue de Folqman, que recupera com invulgar eficácia a descrição do português do *Vocabulario*, reformulando-a e completando-a com uma técnica já próxima dos dicionários modernos, e que prenuncia o modelo estabelecido por Morais Silva. O *Diccionario* de 1789 será a mais importante e sistemática releitura do *corpus* efectuada até então e introduzirá definitivamente o legado de Bluteau na tradição da moderna lexicografia portuguesa.

O dicionário de Rafael Bluteau, apesar da importância para a história da língua e da lexicografia portuguesas, só nos últimos anos começou a ser justamente valorizado, criando-se as condições para a divulgação e para o acesso àquela que é uma das fontes essenciais para estudos linguísticos, culturais e literários. O facto de o *Vocabulario* não ter sido o primeiro dicionário monolíngue do português não justificava essa desconsideração, pois o extenso fundo nele compilado tem um valor documental específico, que não pôde ser preservado no processo de reformulação que deu origem ao *Diccionario* de Morais Silva. De facto, pode afirmar-se que, quer pelas dificuldades impostas à consulta, quer pela inexistência de estudos sistemáticos sobre a obra, era insuficiente o conhecimento acerca de um momento-chave na transição entre a lexicografia antiga e a moderna, interrompendo a percepção de um fio condutor que une a dicionarística bilingue dos séculos XVI e XVII e os primeiros dicionários monolíngues.

A investigação sobre Bluteau e o *Vocabulario* desenvolveu-se no âmbito de um projecto que pretende contribuir para a recuperação do património lexicográfico antigo português, conduzido pelo Professor Telmo Verdelho na Universidade de Aveiro. O seu acompanhamento metodológico, documental e humano reconhece-se nas páginas deste livro.

I
O LEXICÓGRAFO

1. EDUCAÇÃO DO SÁBIO CRISTÃO

A descrição da língua portuguesa é o ponto de partida para a composição de uma obra que, devido ao percurso do autor e aos seus interesses, acabará por exceder os limites inicialmente previstos. Resultando de um trabalho individual, com a incerta expectativa do reconhecimento e da aceitação, ou mesmo da efectiva publicação, Rafael Bluteau propõe um dicionário atípico quando comparado com os instrumentos metalinguísticos da sua época, mas que constitui um programa de formação intelectual que pretende englobar, de forma indissociável, a dimensão espiritual e a dimensão das ciências do homem e da natureza.

Esta perspectiva integradora do conhecimento é resumida na figura do «sábio cristão», aquele que conjuga o domínio do saber e a prática da fé (Almeida, 1996: 226-240). Este retrato, que Bluteau acaba por aplicar a si mesmo quando profere publicamente as conferências sobre as «virtudes, e prerogativas do Sabio Christão», é uma afirmação e um compromisso necessário num momento em que há a aguda percepção de um mundo moderno, bem como do fascínio perante a quebra das fronteiras do conhecimento humano (*Prosas*, I: 105-183). Todos os campos do saber são permitidos e motivadores, na medida em que são abordados à luz de uma fé inabalável no poder divino.

O conhecimento da biografia de Rafael Bluteau, sem procurar a exaustividade que exigiria um estudo de tipo historiográfico, oferece importantes contributos para a compreensão dos objectivos e contexto de produção da obra lexicográfica. Considerando que se trata de um estrangeiro que aprende tardiamente o português, torna-se pertinente indagar as motivações pessoais que justificam o interesse pela reflexão metalinguística em intervenções públicas, ou em outras obras para além do *Vocabulario*.

O enquadramento do teatino na história e na cultura do seu tempo não deixará de reflectir-se no dicionário, nomeadamente a participação nas academias, a construção de um discurso crítico em torno da orientação do barroco literário português, ou a aproximação a correntes de pensamento europeias nos domínios científico e filosófico. Importa ainda referir a nem sempre pacífica relação entre Bluteau e o poder político, pois é à inconstância das conjunturas que se devem momentos tão díspares como o bom acolhimento dos primeiros anos, o regresso a França, a reclusão em Alcobaça, ou, por fim, a criação de condições económicas para a publicação das obras.

As principais fontes documentais que permitem esboçar a biografia são os textos publicados após a morte, no âmbito de homenagens organizadas pelos pares académicos. Bluteau morreu em 13 de Fevereiro de 1734 e a Academia dos Aplicados dedicou-lhe um certame poético no dia 28 do mesmo mês. Num conjunto em que abundam as composições poéticas em latim, português e castelhano, somente dois textos são verdadeiramente informativos: a «Oração» de José Freire Monterroio Mascarenhas (1670-1760), que marcou o início da celebração, e a «Oração funebre, e panegyrica» de Diogo Rangel de Macedo (1671-1754), que a encerrou (Faria, *Obsequio funebre*, 1734: 1-18, 155-164). Em 4 de Março, recitou-se na Academia Real de História um *Elogio* composto por D. Francisco Xavier de Meneses, editado com as restantes memórias referentes ao ano de 1734. Com menor interesse documental, regista-se ainda a homenagem da Academia dos Unidos da Torre de Moncorvo e um soneto anónimo inscrito num códice da Coleção Pombalina da B. N. L.¹

Mas a fonte bibliográfica mais citada é a obra *Memorias historicas chronologicas da Sagrada Religião dos Clérigos Regulares em Portugal* (1792-1794), escrita pelo teatino Tomás Caetano de Bem (1718-1797), cronista da Casa de Bragança e membro da Real Academia de História. O capítulo referente à «Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau» constitui o livro VI do primeiro tomo (Bem, *Memorias*, 1972: 283-317). A comparação entre este texto e os que foram publicados pelos Aplicados e pela Academia Real não deixa dúvidas de que foram estas as fontes principais em que se baseou, pois reproduziu largos passos de ambos, tendo como principal preocupação o res-

¹ Lobo, *À morte do R.^{mo} P.^e M. D. Rafael Bluteau*, 1734; *Morreo o Gram Bluteau; não para a Fama*. B. N. L. Col. Pombalina, tom. II.

peito pela ordenação cronológica. Recorreu também às frequentes notas autobiográficas registadas nos prólogos do *Vocabulario* e a um vasto conjunto de correspondência endereçada a Bluteau. Essas cartas permanecem na B. N. L., distribuídas por vários maços, e Caetano de Bem esteve certamente envolvido na organização do espólio, uma vez que são frequentes as anotações do seu punho, esclarecendo datas ou aclarando os nomes dos remetentes. Delas seleccionou as notícias mais relevantes, embora tenha omitido excertos comprometedores no que respeita ao posicionamento político. Caetano menciona ainda a existência de dois volumes manuscritos, intitulados *Cartas Políticas, e eruditas*, que conteriam cópias autógrafas das cartas enviadas por Bluteau (cf. Bem, *Catalogo das Obras Literarias Impressas, e Manuscritas*).

Rafael Bluteau ficou conhecido em Portugal como padre teatino francês, mas de facto nasceu em Londres, a 4 de Dezembro de 1638. Compreensivelmente, Bluteau nunca deixou testemunhos que esclarecessem este período da sua vida: a família era francesa, de apelido Chevalier, e encontrava-se refugiada em Inglaterra, devido a um delito cometido pelo pai. Os biógrafos explicam o facto de se ter atribuído um sobrenome inglês à criança como um reconhecimento pelo asilo concedido por um nobre inglês, apenas identificado como Milord Blutaw. Permanece em Inglaterra até 1644, ano em que o rei Carlos I declara guerra à França. O clima de convulsão política obriga ao regresso a Paris da rainha Henriqueta Maria e a família de Bluteau embarca no mesmo navio, fazendo parte da comitiva.

Antes de ingressar nos teatinos no final da década de 50, Bluteau frequentou em França os colégios jesuítas de La Flèche, Reims e Clermont. O relato biográfico de D. Francisco de Meneses não permite reconstituir com toda a exactidão o percurso escolar, especialmente no que respeita ao número de anos que permaneceu nos dois últimos colégios: «Em Pariz estudou dous annos Grammatica, e oito no Collegio de la Fleche, sendo nelle Porcionista, continuou as Humanidades com o grande Mestre o Padre Daroy Jesuita, que nos ultimos dous lhe ensinou Rhetorica, se aperfeiçoou em Rheimo, no terceiro anno desta eloquente Faculdade, em que fez o mais admiravel progresso, que não deveo menos à natureza, que à Arte. Voltou a Pariz, donde no Collegio de Clermont, da Companhia, lhe ensinou Logica o insigne Padre Herault [...]; e como já estava, não só bem instruido na lingua Grega, mas com perfeito conhecimento da Latina, pode entender o Texto dos Filosofos antigos, e os diversos Systemas dos modernos, cultivando ao mesmo tempo algumas partes da Mathematica, brilhando o seu ingenho na subtileza dos argumentos, descobrindo na Fysica as propriedades dos corpos, na Methafysica a dos espi-

ritos, e na Ethica o recto uso das paixões, que sempre soube moderar [...]» (Meneses, *Elogio*, 1736: 5) ².

O ensino praticado pelos jesuítas era marcado pelo espírito da Contra-Reforma, inculcando nas crianças valores que os transformassem em adultos marcados por uma *pietas litterata*, conjugando a religião e a tradição da cultura e literatura clássicas, a que se associava ainda a preocupação em combater os vícios e os inimigos da fé ³. No que toca à aprendizagem das línguas, estas limitavam-se ao latim, grego e francês, com claríssimo predomínio da primeira. O ensino da língua grega encontrava-se em declínio desde o início do século XVII, e o francês continuava associado aos exercícios de versão, pois só se autonomizou do latim em meados do século XVIII. O estudo da língua latina, para além das explicações gramaticais teóricas, assentava na leitura e explicação dos autores, sendo Cícero, Ovídio, Virgílio, Quintiliano e Esopo os mais usuais. O comentário dos textos pelo professor — *praelectio* — obedecia a uma estrutura faseada, composta por cinco lições, em cujas designações é bem patente o peso da tradição clássica: *argumentum*, o resumo do texto; *explanatio*, explicação de sentidos de difícil interpretação; *rhetorica*, exposição das regras gramaticais, retóricas e poéticas presentes; *eruditio*, contextualização histórica e cultural para a compreensão do autor; *latinitas*, o comentário sobre o estilo e a latinidade. Compreendido o texto, o aluno devia imitá-lo, traduzindo-o em vernáculo e reescrevendo-o em latim (cf. Margolin, 1981: 219; Viguerie, 1981: 310-311). Um dos objectivos fundamentais da instrução era a formação de oradores eficazes que deslumbrassem nos salões e nos púlpitos. Assim se compreende a insistência em métodos que incitassem o exercício da palavra, a produção textual e a sua proclamação (*disputationes*, concursos, representações teatrais). Os concursos literários constituíam uma oportunidade soberana para a exercitação da produção escrita e para desenvolver as habilidades oratórias. A tragédia *Pietas regnorum vitrix*, que se conserva manuscrita na B. N. L. (Cod. 6.809), data precisamente do período de La Flèche e foi composta por Bluteau no âmbito de um concurso literário.

Bluteau ingressa nos teatinos no final da década de 50 e em 1660 é enviado para Florença para o noviciado na Casa de S. Miguel. Nesse mo-

² Cf. ainda Bem, *Memorias*, 1792: 284. Sobre a importância de La Flèche e Clermont na história do ensino em França, cf. Viguerie, 1981: 307.

³ Sobre o currículo, adequado às directrizes da *Ratio Studiorum* (1599), cf. Margolin, 1981: 213-218.

mento, é pressionado pela família para que aceite a oferta de um cargo na corte de Carlos II de Inglaterra, mas opta pela vida religiosa e professa em 23 de Agosto de 1661. Assim, entre 1660 e 1664, prossegue os estudos em importantes centros de cultura onde a ordem dos teatinos se encontrava instalada — Verona, Roma e Paris — seguindo o percurso que os superiores destinavam aos jovens sacerdotes que se destacavam.

A fundação da Ordem dos Clérigos Regulares remonta a 1524, por iniciativa de Caetano de Tiene, João Pedro Carafa, Paulo Consiglieri e Bonifácio de Cole. É motivada pelo espírito da Contra-Reforma, pois assumem como missão contestar acerrimamente Lutero, reformar os costumes do clero e pregar a prática da virtude entre os leigos. Acreditando no poder da divina providência, viviam em austeridade e em estrito voto de pobreza, aceitando donativos sem pedir esmola. Além de Roma, encontravam-se em grandes cidades como Verona, Génova, Turim, Veneza, Florença, Milão ou Nápoles, e em breve se seguiu a expansão a outros países europeus. Em França instalam-se na Casa de Santa Ana a Real, perto do Louvre, em Espanha reforçam a presença durante o reinado de Filipe II, em Portugal data de 1648 a primeira autorização concedida por D. João IV ⁴.

Ao longo do século XVII, os teatinos consolidaram o prestígio enquanto formadores, acolhendo noviços provenientes de famílias nobres e preparando os padres para a integração no ambiente das cortes. É no seio deste grupo de notáveis e piedosos religiosos aristocratas que D. Rafael completa a sua educação teológica e filosófica. No *Vocabulario* dá-se testemunho da volumosa produção literária e científica que era devida a autores teatinos, com uma copiosa lista dos temas abordados, dos padres que os estudaram e de algumas obras publicadas (*Voc.*, s.u. THEATINOS). As diversas casas e colégios dos teatinos terão certamente sido um ponto de encontro de notáveis eruditos, como se constata pelo prestígio que o Convento da Divina Providência alcançou em Portugal no início do século XVIII. A passagem por Roma terá sido marcante a nível estético, uma vez que a cidade se encontrava em efervescência artística, desencadeada por uma importante renovação arquitectónica planeada pelo Papa Urbano VII (1623-1644). À grandiosidade das construções, somava-se o deslumbramento das cerimónias papais e a complexidade dos rituais litúrgicos,

⁴ Além das *Memorias* de Caetano de Bem, cf. também as abundantes considerações históricas sobre os teatinos insertas nas *Prosas* (I: 237-250) e no *Vocabulario* (s.u. THEATINOS).

em parte responsáveis pelo modelo de corte barroca posteriormente imitado pelas casas reais francesa e ibéricas. Roma era a «cidade de triunfo, onde se vinha, de longe, celebrar a vitória da Igreja Católica sobre a heresia ou o paganismo» (Tapié 1988 (1957), I: 96).

De regresso a Paris conclui os estudos conducentes ao grau de doutor em teologia e continua a acompanhar lições de filosofia e matemática, revelando a pluralidade dos seus interesses. Desta época data a atracção pelo lulismo de cariz enciclopédico, uma corrente filosófica que se difundiu em França no século XVII e na qual Bluteau recolhe influências que marcarão a sua obra, particularmente o *Oraculum utriusque Testamenti*⁵. O investimento na especialização em teologia, no domínio das línguas e no interesse pelas principais ciências correspondem a uma política dos países católicos em formar um clero culto e moldado por uma ortodoxia ao serviço da Contra-Reforma (cf. Verger, 1981: 260-266). Uma formação excepcional que prepara Bluteau para a missão que lhe é confiada: auxiliar na organização da nova Casa de Lisboa e contribuir para o prestígio dos teatinos junto da corte.

⁵ «mas impaciente [...] de comprehender a Encyclopedia, sempre desejada, e nunca conseguida, se applicou, com felicidade, à Arte de Raymundo Lullio, e pelas combinaçoens dos predicamentos, e principios, a que se reduz, discorria engenhosamente em todas as materias, já facilitando, desde então, o admiravel uso, que lhe deu, nos Discursos, e Oraçoens a tão diversos assumptos» (Meneses, *Elogio*, 1734: 9). Sobre o lulismo com fins enciclopédicos, cf. Ribeiro, 1989.

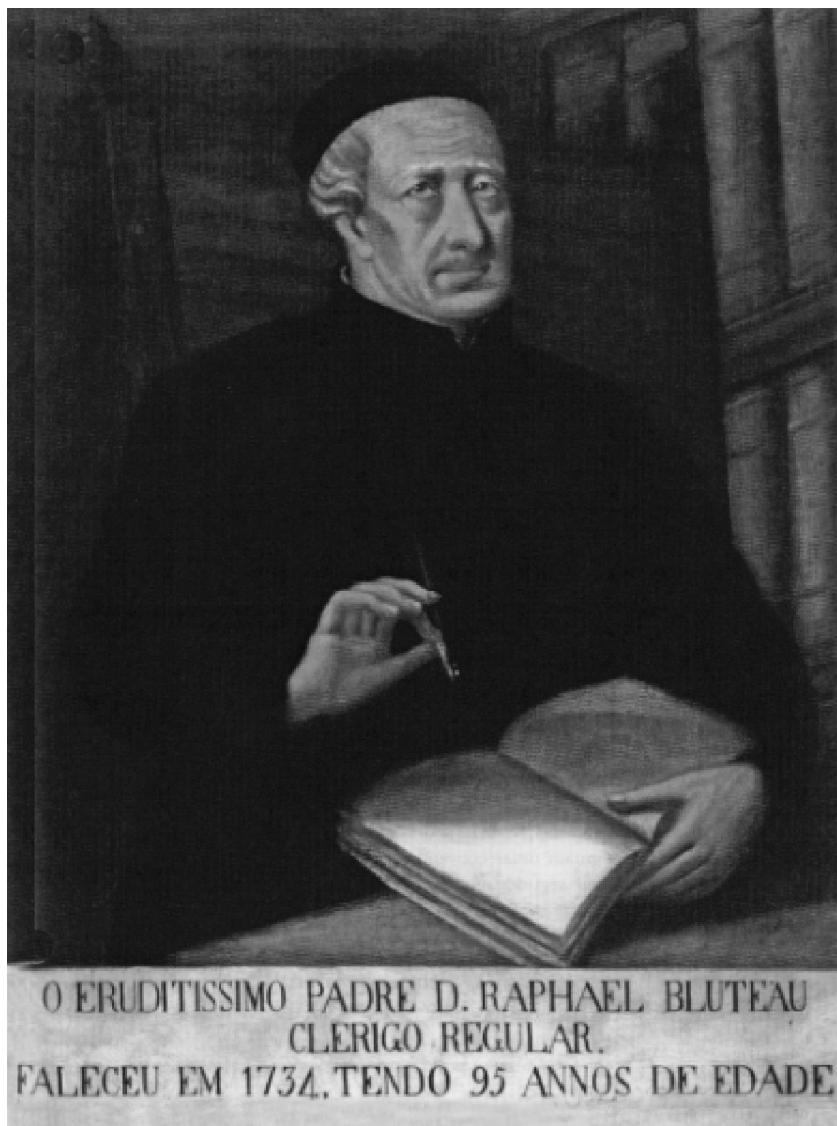


Figura 1: Rafael Bluteau. Quadro a óleo.
Escola portuguesa. Século XVIII. B. N. L.

ÍNDICE

Introdução	7
Normas de transcrição	15
I. O LEXICÓGRAFO	17
1. Educação do sábio cristão	19
2. Participação na vida cultural portuguesa	27
2.1. O círculo dos Ericeiras	30
2.2. Intervenções académicas	34
2.3. Motivações e palcos da discussão metalinguística	39
3. Pensamento linguístico	51
3.1. Linguagem e tradição bíblica	52
3.2. Diversidade das línguas	56
3.3. Elogio da língua	60
3.4. Escrita e critérios ortográficos	67
3.4.1. Etimologia e analogia	72
3.4.2. Pronúncia	77
3.4.3. Uso	79
4. Produção literária	83
4.1. Sermonários	84
4.2. <i>Oraculum Utriusque Testamenti</i>	87
II. DEFINIÇÃO DO DICIONÁRIO	93
1. Enquadramento tipológico do <i>Vocabulário</i>	95
1.1. Dicionário universal	99
1.2. Dicionário bilingue	105

2. O cânone da lexicografia europeia.....	109
2.1. <i>Dictionnaire universel</i> (1690).....	113
2.2. <i>Le grand dictionnaire historique</i> (1699)	117
2.3. <i>Le Dictionnaire Royal</i> (1691)	120
2.4. <i>Ambrosii Calepini Dictionarium</i> (1681)	122
2.5. <i>Dictionnaire general et curieux</i> (1685).....	124
2.6. <i>Lexicon universale</i> (1698)	127
3. Estrutura do dicionário-monumento	131
3.1. O <i>corpus</i> paratextual	134
3.2. Organização estrutural	147
III. CONSTITUIÇÃO DE UM <i>CORPUS</i> DICIONARÍSTICO DO PORTUGUÊS.....	153
1. Diminuição da nomenclatura	155
1.1. Extensão e acumulação	156
1.2. Técnica de alfabetação	159
1.2.1. Ordenação das entradas	170
1.3. Normalização das formas-lema.....	174
1.3.1. Variação em número	175
1.3.2. Variação em género	177
1.3.3. Estruturas sintagmáticas	178
1.4. Principais fontes da nomenclatura	183
1.4.1. <i>Thesouro</i> (1697)	183
1.4.2. <i>Prosodia</i> (1697).....	187
1.4.3. <i>Le grand dictionnaire historique</i> (1699)	189
1.4.4. <i>Dictionnaire universel</i> (1690)	192
1.4.5. <i>Corpus</i> de autores portugueses	194
2. Classificação do léxico	199
2.1. Marcas de uso e legitimação das práticas linguísticas	199
2.1.1. Terminologias profissionais	202
2.1.2. Empréstimos e estrangeirismos	210
2.1.3. Variedades regionais	214
2.1.4. Periodização do léxico	217
2.1.5. Frequência de uso	219
2.1.6. Adequação social e situacional	221
2.2. Notações gramaticais	227

3. Técnica de definição.....	235
3.1. Processos directos	240
3.1.1. Definidores genéricos.....	241
3.1.2. Definidores específicos.....	246
3.2. Processos indirectos	249
3.2.1. Relações entre conceitos	249
3.2.2. Motivação derivacional	250
3.2.3. Relações de sentido.....	253
3.3. Processos de definição de verbos.....	255
3.4. Ordenação das acepções.....	260
3.4.1. Homonímia	264
3.4.2. Polissemia	266
IV. FUNÇÕES DO DICIONÁRIO	271
1. Normalização da escrita	273
1.1. Reflexão metaortográfica no <i>Vocabulário</i>	277
1.2. Ortografia etimologizante	280
1.2.1. Consoantes duplicadas	280
1.2.2. Dígrafos latinizantes.....	282
1.2.3. Dígrafos helenizantes	290
1.2.4. Funções do grafema <h>.....	292
1.2.5. Alternância <ç-> / <s->	295
1.2.6. Alternância <i> / <j>	298
2. Prestígio da língua	301
2.1. O <i>corpus</i> de autores portugueses e o cânone literário	301
2.1.2. Funções das citações	312
2.2. O português e o latim: comparação e emancipação	318
3. Integração de saberes	327
3.1. Conteúdos do discurso enciclopédico.....	329
3.1.1. Medicina.....	330
3.1.2. Química	334
3.1.3. Cosmologia, astrologia, astronomia	335
3.1.4. Botânica	337
3.1.5. Toponímia	339

3.2. Fontes de informação enciclopédica	344
3.2.1. Dicionários franceses	346
3.2.2. Tratados técnicos	356
3.2.3. Relações de viagens	358
3.2.4. Historiografia	360
4. Auxílio da produção textual	365
4.1. Discursos	365
4.2. Mitologia	368
4.3. Codificação literária	374
4.4. Adágios portugueses	381
4.5. Dicionários especializados	386
4.5.1. Vocabulários onomásticos	387
4.5.2. Vocabulários analógicos	394
4.5.3. «Vocabulario de synonymos, e phrases»	399
4.5.4. Glossários	408
V. DO VOCABULARIO À LEXICOGRAFIA MONOLINGUE DO PORTUGUÊS	413
1. Recepção do <i>corpus</i> dicionarístico	415
1.1. <i>Diccionario portuguez, e latino</i> (1755)	416
1.2. <i>Novo diccionario das linguas portugueza, e franceza</i> (1764)	422
1.3. <i>Divertimento erudito</i> (1734-1744)	426
1.4. <i>Diccionario Portuguez das Plantas</i> (1765)	430
1.5. <i>Orthographia</i> (1734)	433
1.6. <i>Diccionario da lingua portugueza</i> (1789)	438
1.6.1. Nomenclatura	439
1.6.2. Técnica lexicográfica	443
2. Reflexão metalexigráfica	451
2.1. <i>Verdadeiro metodo de estudar</i> (1746)	451
2.2. «Planta» do <i>Diccionario da Academia</i> (1793)	456
2.3. <i>Reflexões sobre a lingua portugueza</i> (1842)	460
FONTES E BIBLIOGRAFIA	471
Fontes manuscritas	471
Fontes impressas	472
Bibliografia	488